À Guisa de Conclusão

1. É preciso parar!

É tempo de começar a concluir nossa reflexão. Fazemos isto guiados por um imperativo: ‘é preciso parar!’. A bem da verdade, poderíamos continuar estudando os Escritos Filosóficos de Lima Vaz. Poderíamos buscar as raízes filosóficas do pensamento de Lima Vaz. Certamente, seríamos levados à leitura dos clássicos, especialmente Platão, Aristóteles, Tomás de Aquino, Kant e Hegel. Isto porque, o pensamento de Lima Vaz é construído numa constante reflexão, ou melhor, rememoração da tradição filosófica. Para Lima Vaz, o novo nasce sempre da tradição e será apoiado na grande tradição filosófica que encontraremos os invariantes conceituais que guiaram e guiam nosso existir com os outros no mundo. Por isso, Lima Vaz é verdadeiramente um homem de reflexão, isto é, um filósofo, isto é, alguém que busca dar razões das exigências de inteligibilidade presentes no *ethos*, na cultura, no existir, etc.

Por outro lado, poderíamos caminhar na direção apontada por Lima Vaz e abordarmos temas como Política, Direito, Economia, Democracia, Direitos Humanos, etc, apoiados na reflexão filosófica anteriormente construída. Poderíamos ainda buscar um diálogo entre as análises filosóficas de Lima Vaz e a de outros filósofos contemporâneos. Poderíamos dialogar com os filósofos ditos ‘pós-modernos’ ou ‘pós-metafísicos’, tendo em vista que Lima Vaz constrói seu pensamento a partir de uma reflexão declaradamente ‘metafísica’¹. Um diálogo destes, certamente, seria muito frutuoso. Como todo pensamento filosófico, poderíamos ficar pensando e pensando, num sem fim de conexões e diálogos. Mas, como anunciamos no início, é preciso parar.

¹ Face às interrogações de natureza ética presente em nossa civilização, Lima Vaz vai buscar suas respostas voltando às origens da ética e ao paradigma platônico-aristotélico (com forte marca tomista) que presidiu o desenvolvimento da ética clássica para buscar o princípio capaz de inspirar respostas aos nossos problemas atuais. Este princípio, ou melhor, essa instância racional normativa do agir humano é, para Lima Vaz, a instância do Bem transcendente. Será essa instância que irá assegurar a identidade da vida ética como vida humana onde quer que se manifeste. Diz Lima Vaz: “estamos convencidos de que a prática ética só pode ser justificada em razão por uma ciência da prática que tenha como princípio e fundamento uma *metafísica do Bem*. (...) Não existe ética sem metafísica”.(EFV, p.242).

2. Do método:

Ao mergulharmos no pensamento de Lima Vaz somos inexoravelmente levados, em constante diálogo com a tradição, a compreendermos a nós mesmos e nossa sociedade, seus caminhos e descaminhos, suas vitórias e suas derrotas, seus oásis e seus desertos, na ânsia humana de superar as vicissitudes da vida. Ora, tal inquirir exige um método.

Aqui, em nossa investigação adotamos o método dialético² que brota do pensamento de Lima Vaz. Para Lima Vaz, o exercício do ato de filosofar é sempre uma ‘rememoração’ (uma *Erinnerung*, como diria Hegel). Com esta rememoração pensante, busca-se captar os invariantes conceituais que estiveram presentes nos problemas filosóficos e então, poder reinventar os problemas à luz desta tradição que faz surgir sempre coisas novas. Mas aqui vale lembrar, o novo é sempre devedor do antigo. Desta forma, para falar como Hegel, o filósofo cumpre o destino do ato de filosofar que é ‘captar o tempo no conceito’, o tempo que foi e o tempo que flui no agora do filosofar. Assim, este distanciamento do presente para buscar as raízes mesmas das questões nada tem de abstrato, de passadista ou de um simples prazer intelectual lúcido, mas irresponsável. Não. O distanciamento da rememoração é um distanciamento crítico, isto é, propriamente filosófico. Será a partir deste distanciamento que o filósofo conseguirá ser ‘não melhor do que seu tempo, mas seu tempo da melhor maneira³’.

Aqui, nessa conclusão, seguindo o desenvolvimento do discurso assim como nos ensina Lima Vaz, estamos no momento da singularidade. Como bem sabemos, esse momento é o da suprassunção dos momentos anteriores, isto é, dos momentos de universalidade e particularidade do nosso discurso. Ora, se no momento da universalidade buscamos situar e refletir acerca dos conceitos fundamentais da arquitetônica ética de Lima Vaz, a saber, a ciência do *ethos*, a cultura e a razão; no momento da particularidade buscamos construir,

² Lima Vaz, H. C. – *Método e Dialética*, in: ‘Filosofia e Método – Coleção CES’; Brito, E. e Chang, L. (org.) – São Paulo: Loyola, p: 9-17. Também H. C. de Lima Vaz - verbete ‘Dialética’, in: *Verbo – Enciclopédia Luso Brasileira de Cultura*, Lisboa: Ed. Verbo, 1967. v.6, pp.1250-1253.

³ Labarrire, Pierre-Jean, *O Filsofo na cidade ‘no melhor que teu tempo, mas teu tempo do melhor modo’* – Sntese, n.56 (1992), p.16.

reflexivamente, os invariantes conceituais que compõem a comunidade ética (comunidade de reconhecimento e consenso) e de sua plena realização na justiça. Durante toda nossa investigação, buscamos os invariantes conceituais que compõem nossa experiência de vida ética com os outros no mundo, ou seja, nossa experiência de intersubjetividade ética. Ao buscarmos estes invariantes conceituais, fomos aos poucos desvelando a construção de um pensamento ético que possui sua definição sintética na proposição: “Viver eticamente é viver uma vida justa”. Essa proposição nos guiou desde o início de nossa investigação. Foi ela que nos conduziu pelas veredas do pensamento de Lima Vaz, a buscar refletir e acompanhar a sistematização de uma ética para nossos tempos que leve em consideração a tradição ocidental depositada especialmente nos seus grandes autores.

3. Sobre a pesquisa:

Em nossa dissertação buscamos recompor e investigar a arquitetônica da intersubjetividade no pensamento ético-filosófico de Lima Vaz. Para alcançar tal intento, buscamos compreender a categoria de intersubjetividade no contexto de toda a arquitetônica filosófica desenvolvida por Lima Vaz ao longo de sua obra.

Num primeiro momento percebemos que o trabalho de reflexão de Lima Vaz quer ser um pensamento que responda aos desafios éticos presentes em nosso tempo, a partir de uma rememoração de toda a tradição filosófica. Desta forma, o pensamento ético de Lima Vaz quer ser um instrumento conceitual que nos permita pensar nossa existência ética com os outros no mundo, isto é, pensar as coisas humanas, para falar como Aristóteles.

Nesse momento seria muito pertinente nos perguntarmos: qual a importância do trabalho por nós aqui desenvolvido? Ora, primeiramente o simples fato de buscarmos compreender as reflexões de um filósofo como Lima Vaz já é por si altamente vantajoso. Como efeito, nós, os anões (ou os da raia miúda, para falar como Lima Vaz), ao subirmos nas costas de gigantes, conseguimos a possibilidade de ver mais longe. Sem dúvida essa idéia se aplica ao nosso caso, ou seja, ao investigarmos a arquitetônica construída por Lima Vaz adquirimos a

possibilidade de ampliar grandemente nosso campo de visão filosófica sobre a modernidade, seus desafios éticos e suas possíveis soluções. Mas não é só isso. O trabalho por nós desenvolvido nos permitiu uma articulação de diferentes categorias como *ethos*, cultura, razão prática, reconhecimento, consenso, comunidade ética, consciência moral social, justiça, identidade ética, dignidade humana, etc., com o todo das nossas relações éticas com os outros. Ou seja, foi-nos possível buscar compreender as partes no todo, isto é, compreender as intrincadas conexões e relações das categorias da intersubjetividade ética no todo da reflexão ética, escapando do risco de ficarmos condenados a uma eterna e variada multiplicidade de situações desconexas. Portanto, será com esta construção por nós aqui desenhada que poderemos, posteriormente, abordar a problemática ética atual e dar-lhe uma resposta mais profunda, isto é, filosófica.

Quanto à pergunta que nos colocamos no início de nosso trabalho, a recordar, ‘qual o lugar e como está estruturada a problemática da intersubjetividade no pensamento ético de Lima Vaz?’, acreditamos que o próprio desenvolvimento de nosso texto é nossa resposta. Com efeito, acompanhar o desenvolvimento da formação da ciência do *ethos* (primeira parte), e depois, desenvolver a categoria de intersubjetividade nos seus momentos (segunda parte), eis a nossa resposta.

Finalmente percebemos que o pensamento de Lima Vaz apresenta alguns tópicos principais que compõem sua arquitetônica e que estiveram presentes em toda a nossa investigação. O pensamento ético de Lima Vaz quer voltar às origens da ética e do paradigma platônico-aristotélico (com forte influência tomista) para nele descobrir o princípio capaz de inspirar as respostas adequadas aos desafios éticos atuais e do futuro. Neste rememorar as origens da ética, Lima Vaz vai buscar resgatar a relação “*ethos* – tradição”, a diferenciação entre “*poiésis* – práxis”, e o paradigma teleológico para a construção de seu pensamento ético. Por fim, a busca ética de Lima Vaz será sempre uma busca que, fugindo da noção de que tudo é construído pelo homem e de que não há princípio algum fundante ao qual o homem em última instância se refira, vai buscar redesenhar a arquitetônica filosófica do absoluto como exigência incondicional de sentido.

4. Desafios para a compreensão e para a ação:

Como é fácil perceber, a reflexão filosófica, ao buscar revelar o que existe de mais profundo no nosso existir, nos apresenta, necessariamente, desafios para a compreensão e para a ação. No nosso caso, esses desafios dirão respeito ao nosso existir em comum, isto é, à nossa intersubjetividade. Estes desafios têm como raízes o nosso próprio existir em comum. Ou seja, o ser humano se apresenta como um ser radicalmente aberto, isto é, ontologicamente aberto. Desta forma, o ser humano se experimenta como tarefa, como obra a ser pacientemente realizada. Portanto, por não ter sua efetivação de antemão garantida, a primeira tarefa do ser humano é a construção de si mesmo, com os outros, no mundo.

Mas, também, o pensamento de Lima Vaz, nos apresenta alguns desafios. Primeiro o desafio de ser compreendido. Compreendido como uma filosofia que não se elaborou ou deixou-se guiar pelos interesses dominantes ou pelas modas. Desta forma, Lima Vaz constrói uma filosofia isenta de formulações construídas para responder a projetos pessoais ou para agradar quem quer que seja, o que propriamente já não seria mais uma filosofia.

A principal tarefa da filosofia será, então, a de nos ajudar a atravessar os desertos da existência humana. Para Lima Vaz, “a história tem seus desertos, assim como a geografia. Um dos desafios mais antigos das civilizações é ousar a travessia de desertos, seja geograficamente, seja historicamente, desertos que muitas vezes o ser humano mesmo criou. Nossa civilização dispõe de todos os recursos, técnicos, políticos e éticos, e é capaz de formular estratégias que conjurem um triste destino de criadora de desertos. Às sociedades e aos seus responsáveis cabe decidir⁴”. Portanto, o ser humano na sua luta por dar resposta às constantes indagações, deve enfrentar várias das chamadas crises por que passa a humanidade. Destas, a crise de sentido será a mais exigente. Ela se fará presente como uma crise ética e como uma crise política, entre outras.

⁴ Nobre, Marcos e Rego, José Márcio – *Conversas com filósofos brasileiros*, Editora 34: São Paulo – 2000, p.43.

Ora, até aqui trabalhamos a questão da intersubjetividade ética no pensamento de Lima Vaz. Devemos então, apontar agora os desafios para compreensão e para ação próprios desta temática que estudamos. Desta forma, a nossa conclusão não será uma conclusão fechada, mas uma conclusão aberta, ou seja, será uma conclusão que, resgatando as questões e suas tematizações, apontam para novos desafios e novas tematizações, evidentemente, apoiadas nas considerações e idéias anteriormente desenvolvidas.

No início de nossa reflexão, apontamos os desafios éticos presentes em nosso tempo. Num momento posterior, buscamos refletir sobre a categoria de intersubjetividade como momento necessário a toda tentativa de responder aos desafios citados, num nível, propriamente, filosófico, isto é, numa busca dos invariantes conceituais que guiarão nossas respostas aos desafios que encontraremos nas vicissitudes da história humana. Desta forma, chegamos a articulação da categoria de comunidade ética como questão decisiva para nossa compreensão da intersubjetividade ética, e de sua plena realização na justiça. Ora, se a comunidade ética se apresentou para nós como a categoria inegociável para a realização ética do ser humano, então, será a partir dela que iremos poder abordar algumas questões, ou melhor, alguns desafios presentes em nossa investigação, presentes em nosso tempo.

Política

O primeiro desafio será o da política, ou melhor, da cisão moderna entre ética e política⁵. Lima Vaz irá nos apontar este caminho ao dizer que “é no terreno da idéia de comunidade ética que se traça à linha fronteira entre ética e política. A partir daí é possível formular a questão fundamental que se desdobra entre os dois campos e restabelecer entre eles uma necessária comunicação: como recompor, nas condições do mundo atual, a comunidade humana como comunidade ética e como fundar sobre a dimensão essencialmente ética do ser social a comunidade

⁵ Esta cisão entre ética e política é problemática e suas perigosas conseqüências podem ser facilmente percebidas em nossa sociedade. Vale aqui lembrar a lição de Kant (*Projet de Paix Perpétuelle- Paris: Vrin, 1948*) que via no acordo entre moral e política o único fundamento possível para a concórdia entre as nações, diga-se de passagem, tão desejada em nossos tempos.

política? ⁶” A primeira questão foi a que buscamos responder na segunda parte de nossa reflexão, junto como ela, necessariamente, temos a questão da formação da comunidade política. Importante, então, é esclarecer a questão política brevemente, apontando o desafio.

Como bem sabemos, a arte da política tem a delicada tarefa de conciliar o possível e o melhor. Esta arte é uma invenção grega que nasce no momento em que as cidades gregas se constituem democraticamente. Surge, então, a necessidade de apelar aos conceitos e procedimentos da razão para estabelecer os critérios e as regras do consenso cívico. Desta forma, a política vai surgir como a busca de um consenso racional em torno do mais justo, que será por definição, o melhor para a cidade. A pergunta então será a de “como fazer da ação política uma ação razoável, ou seja, obediente a normas de convivência racional consensualmente aceitas?” ⁷ A solução encontrada será a de construir, como medida para a ação política, uma constituição. Uma constituição, não que garanta mais eficazmente o exercício do poder, mas que defina as condições melhores para a prática da justiça. Conseqüentemente, a conceituação da política clássica será teleológica, isto é, será ordenadora de uma prática em vista de um fim que é a justiça na cidade.

Mas, com o advento da modernidade⁸ temos uma mudança neste cenário. Na modernidade, a vontade de poder se impõe como constitutiva do político⁹. Acontece, então, uma cisão entre ética e política e, conseqüentemente, a identificação entre política e técnica de poder. A ruptura moderna decorre, por um lado, da passagem de uma universalidade nomotética para uma universalidade hipotético-dedutiva e, por outro lado, de uma absolutização da práxis¹⁰. De outra maneira podemos dizer que a raiz da cisão moderna entre ética e política “deve ser buscada na substituição do antigo solo ontológico que fundava a justiça na teleológica do Bem pelo vínculo contratual que une os indivíduos na aceitação do

⁶ EF II, p.262.

⁷ MF, p.88.

⁸ EF II, p.261.

⁹ O pensamento político moderno, inaugurado por Maquiavel, acentua sempre mais a separação entre ética e política. Desta forma, acreditamos, a tarefa principal do filósofo na sua reflexão política hodierna será articular o conceito político de democracia com o conceito ético de dignidade humana.

¹⁰ EF III, p.132.

poder soberano como o fundamento da justiça política¹¹”. Neste projeto político moderno o ser humano é pensado quase que exclusivamente como um ser de carências. Desta forma, o sistema político ficará submetido à racionalidade instrumental do fazer que será elevado à condição de fim em si. Com isto, temos relegado ao segundo plano, no âmbito político, os fins propriamente éticos que deixam de pertencerem à questão intersubjetiva e passam a fazer parte da “esfera das convicções subjetivas dos indivíduos¹²”.

Portanto, os desafios apontados nessa problemática em torno da política, exigem uma reflexão ética anterior. Reflexão que, a partir da problemática da intersubjetividade, encontre uma “outra concepção do ponto de partida da filosofia política. Esse ponto de partida deve pressupor em qualquer hipótese, a idéia de comunidade ética como anterior, de direito, aos problemas de relação com o poder do indivíduo isolado e submetido ao imperativo da satisfação das necessidades e carências¹³”. Ou seja, temos o desafio de compreender e construir a comunidade política a partir da reflexão sobre a comunidade ética e sua plena realização na justiça¹⁴.

Economia

O econômico também nos trará desafios a serem pensados e tematizados a partir da categoria de intersubjetividade. Como várias vezes ressaltamos, em nossa sociedade vemos cada vez mais crescer o individualismo. Este individualismo moderno parece ser a marca de nossa sociedade contemporânea, o que acaba por nos levar a um consumismo exacerbado que podemos facilmente detectar atualmente. Também, a primazia dada ao funcional e ao operacional na sociedade em que vivemos faz da eficácia, da produtividade, da utilidade, do remunerável,

¹¹ Perine, Marcelo – *Democracia e Filosofia do agir humano – Observações sob uma luminosidade que permite a visão*, in: Mac Dowell, João (org.) “Saber Filosófico, História e Transcendência” - São Paulo: Loyola, 2002 – p.325.

¹² EF II, p.261.

¹³ EF II, p.262.

¹⁴ Com efeito, se a existência política representa a elevação do indivíduo empírico a um plano de existência universal, isto é, a uma vida social regida por normas e leis, portanto, obediente ao imperativo do Direito, ao repensarmos as relações entre ética e política, necessariamente, iremos nos deparar com a questão do Direito em nosso tempo e todas as tentativas para fazer do Direito o “reino da liberdade realizada”, para falar como Hegel.

do lucrativo, critérios que ultrapassam todos os limites para se estender ao âmbito do existir em comum. Como consequência, reconhecimento e consenso éticos estão em alto grau de precariedade. Isto porque, reconhecimento e consenso são frutos, muitas vezes, não de um imperativo ético, mas de toda uma arquitetura da economia onde as capacidades de aquisição e de consumo são os principais fatores para uma possível avaliação do valor do outro. Ou seja, como já lembramos anteriormente, o que faz com que alguém seja reconhecido, por exemplo, em qualquer lugar do mundo é sua conta bancária que permite ter a sua disposição serviços de saúde, hospedagem, lazer, locomoção, alimentação, etc. Desta forma, o mercado financeiro como eixo organizador das sociedades capitalistas simplesmente neutraliza a tradição cultural, as estruturas simbólicas do mundo vivido, o fundamento normativo dos conceitos de ação, bem como desconsidera o mundo do existir em comum subjacente a ele¹⁵.

Neste contexto, temos como desafios para a compreensão e para a ação, pensar o lugar do econômico a partir da intersubjetividade ética, isto é, a partir de uma comunidade de reconhecimento e consenso que se realiza na justiça. Então, teremos elementos para enfrentar questões como, por exemplo:

- (1) A vida humana está orientada somente para a necessidade e acumulação de bens materiais?
- (2) A produção ilimitada e o consumo sem fim constituem os objetivos centrais da vida humana?
- (3) A questão econômica não deveria caminhar na direção da efetivação da justiça social e ecológica a nível mundial?
- (4) Quais os mecanismos que nos possibilitarão contrapor à lógica excludente global uma lógica de reconhecimento e consenso ao nível econômico?

Portanto, será a partir do horizonte da intersubjetividade que encontraremos o lugar arquitetônico propício para pensarmos as exigências éticas do econômico

¹⁵ Oliveira, Manfredo de Araújo, *Ética e Racionalidade Moderna*, São Paulo: Loyola, 1993, p.13.

que deverá ser traduzido em exigências de transformação radical de uma economia que exclui e joga uma maioria crescente na mais cruel miséria.

Educação ética

Todas essas áridas reflexões filosóficas que aqui apresentamos, convergem para essa simples e profunda evidência de que a Ética, antes de ser um assunto de eruditos e ilustrados, é um programa pedagógico que visa educar o indivíduo e a comunidade para a vida plenamente humana. Sem educação ética, podemos afirmar, não há autêntica participação política, não há direitos humanos, não há constituições justas, não há predomínio do humano sobre o econômico, etc.

Portanto, a tarefa primordial da ética será a de ser uma verdadeira educação para a liberdade. Desta forma, o mundo ético será não uma dádiva graciosa da natureza, mas uma lenta, dura e exigente conquista da civilização. Uma conquista permanente, sempre recomeçada e sempre ameaçada pela queda. “E é, sem dúvida, no campo da educação que se travam, a cada geração, as batalhas decisivas dessa luta. É aí, afinal, que as sociedades são chamadas a optar em face da alternativa onde se joga o seu destino: ou a de serem sociedades da liberdade que floresce em paz ao sol do Bem e da Justiça, para citar ainda uma vez Platão numa analogia célebre, ou a de enveredarem pelos obscuros caminhos da horda sem lei.¹⁶”

5. O pensamento de Lima Vaz: uma catedral de luzes e de sombras:

Finalmente, ao encerrarmos nossas reflexões acerca de um aspecto do pensamento de Lima Vaz, fica-nos a certeza de que nos foi permitido mergulhar, apesar de nossas limitações, no pensamento de um grande autor de nosso tempo. Pensamento que busca a compreensão da realidade nos mais diferentes aspectos e sua significação dentro do todo. Pensamento que exige empenho para ser compreendido, mas que oferece a todo aquele que ousa sua travessia uma nova compreensão de nossa época, de nosso mundo da vida, de nós mesmos. E, oferece

¹⁶ Lima Vaz, H.C. – *Ética e Justiça: Filosofia do agir humano*, Síntese, n.75 (1996), p. 451.

como recompensa, o desfrutar da serena e doce alegria da inteligência. Por isso, comparamos a obra de Lima Vaz a uma catedral. Catedral que, numa exposição de grande rigor e beleza formal, à maneira de uma catedral gótica feita de conceitos, armada em articulações simétricas e elegantes, nos expõe a existência naquilo que ela possui de mais essencial. E se, como vivemos os cristãos, entramos numa catedral para ‘louvar a Deus’ e saímos para ‘servir aos irmãos’, *mutatis mutandis*, entramos no pensamento de Lima Vaz para ‘contemplar o absoluto e a existência’ e saímos para ‘assumir responsavelmente nossa existência com os outros, no mundo’.